

LIVROS SEM TEXTO PARA CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES: PRODUÇÃO E LEITURA

Cassia Letícia Carrara Domiciano – professora assistente da Universidade Estadual Paulista (UNESP), doutoranda do Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho (Portugal).
carraradomiciano@hotmail.com

Eduarda Coquet (orientadora)- professora associada da Universidade do Minho, Diretora do Departamento de Expressões Artísticas e Educação Física.

INTRODUÇÃO

O grande mote dos nossos dias são as novas tecnologias. No âmbito da educação, a internet, cd-rooms e muitas outras variantes da informação digital e de fácil acesso tomam seu lugar e tornam-se objeto de atenção e estudo. É inegável que estas ferramentas tecnológicas têm muito a contribuir para a formação da criança. Não são, porém, meios substitutos para alguns recursos ditos “convencionais”, mas que são altamente importantes no desenvolvimento infantil, destacando-se os livros.

Assim, refletir sobre a criança e suas reais necessidades diante das ferramentas de aprendizagem e desenvolvimento é uma responsabilidade constante de diversas áreas profissionais que servem à formação do “ser criança” em seu aspecto físico, emocional e intelectual.

O livro, este conhecido objeto, parece-nos simples, mas passa por um complexo processo entre as idéias iniciais e a materialização do projeto. Neste processo envolve-se o profissional de design, encarregando-se de todos os aspectos visuais da criação e produção do livro.

Como professora do curso de Design de uma universidade pública brasileira, a Universidade Estadual Paulista (UNESP), em Bauru, temos pesquisado sobre o design dos livros desde 1995, concentrando-nos nos livros sem texto para crianças, objeto este totalmente envolvido no universo do design. Ou seriam designers envolvidos no mundo das crianças?

LIVROS E DESIGN GRÁFICO

O Design Gráfico é uma ampla área de pesquisa e atuação, ainda nova e promissora. Cabe ao designer gráfico projetar e acompanhar a produção de uma idéia a ser transformada em mensagem visual, a qual pode ser impressa ou exibida em uma grande diversidade de suportes. O trabalho deste profissional não define-se simplesmente em melhorar a estética do produto. Ele precisa conhecer a problemática que envolve o projeto, contextualizando-o em um universo social, econômico e cultural. É também de extrema importância a consideração do público/usuário ao qual o projeto comunicará a mensagem/informação através de determinada peça gráfica.

Dentro da área gráfica os projetos editoriais têm sido muito valorizados. A exigência de qualidade estética e técnica em livros aumentou por parte dos editores

e leitores e a evolução dos processos de produção ampliaram as possibilidades criativas e diminuíram os custos.

As relações entre livro e design são históricas. Ligam-se efetivamente com a invenção da tipografia (século XV) e a revolução técnica e cultural daí recorrente.

Através da tipografia a produção de livros, antes manual, cresceu imenso, uma vez que inseriu-se num processo mecanizado. Novos desenhos para as letras, formatos diversos, formas de encadernação, vinhetas, ilustrações... as novas preocupações geradas pelo livro mecanizado gradualmente passaram a ser estudadas, planejadas. Os livros deixaram de ser obra única, manuscrita e ornada, para ser objeto de produção em série, projetado para tal. Enquanto objeto, o livro tornou-se um projeto de design gráfico.

Hoje o livro é um trabalho conjunto entre o escritor e outros profissionais, entre eles o designer. Este último deve primeiramente conhecer bem o texto, além de levantar dados importantes como o público leitor (faixa etária, nível cultural ou outra particularidade) e as limitações técnicas e econômicas da produção. A partir deste levantamento de problemas inicial, o processo de criação e execução do projeto deve vencer algumas etapas, como escolha do formato da peça, escolhas tipográficas, ilustrações e criação de capa. Também o aspecto produtivo deve ser considerado: tipo de papéis ou outros materiais, técnicas de impressão e acabamento a serem usadas, editoração e encadernação.

OS LIVROS INFANTIS

O livro enquanto objeto é um projeto de design. Mas antes disso é o suporte para o seu conteúdo, o qual classifica-se dentro da literatura.

“A literatura – mitos, estórias, contos, poesias, qualquer que seja a sua forma de expressão, é uma das mais nobres conquistas da Humanidade: a conquista do próprio homem! É conhecer, transmitir e comunicar a aventura de ser! Só esta realidade pode oferecer-lhe sua verdadeira dimensão. Só esta aventura pode permitir-lhe a aventura da certeza de ser! “ (CARVALHO, s/d).

De difícil definição, a literatura é uma linguagem pela qual expressa-se uma determinada experiência humana, seja ela real, fictícia ou fantasiosa. Através da literatura o homem disponibiliza seu conhecimento, sua história (e estórias), enfim, seu patrimônio cultural.

A literatura originou-se da necessidade de transmitir idéias, mensagens, sentimentos e emoções e foi primeiramente expressa pela “tradição oral”. Com a escrita, materializou-se graficamente o texto falado, até chegar aos livros de hoje.

O conteúdo literário é amplamente discutido, e hoje classifica-se em gênero, forma e espécie literária, além de possuir variadas formas de linguagem. Um destes gêneros é a literatura infantil. Mas esta não foi tratada como tal desde o princípio. Em seus primórdios, a literatura em si sempre foi fantasiosa, pois a ausência do pensamento científico levava o homem ao mágico e maravilhoso, elementos estes facilmente incorporados pelas crianças.

O aparecimento da literatura infantil tem características próprias. Decorre da ascensão da família burguesa, do novo “status” dado à infância na sociedade e da reorganização da escola. A partir do século XVIII a criança passou a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias.

A primeira obra realmente direcionada ao público infantil foi uma coletânea de cantigas infantis publicada por Mary Cooper em 1744. Uma segunda coletânea, “Melodia da Mamãe Gansa”, data de 1760. Ainda muita literatura “adulta” incorporou-se ao repertório infantil ao longo dos séculos e imortalizou-se como literatura infantil pela adaptação de autores diversos.

Somente hoje dá-se a este tipo de literatura um valor crescente, pois ela foi por muito tempo tratada como um gênero menor dentro da literatura tradicional. Na visão do sociólogo francês Mare Soriano (in CARVALHO, s/d), o livro infantil é entendido como uma mensagem de um autor-adulto para um leitor-criança e, como este leitor encontra-se na fase da aprendizagem, a leitura torna-se um processo de aprendizagem, mesmo não sendo esta a intenção do escritor.

A matéria literária que compõe o livro infantil trabalha quase que totalmente dentro do campo da ficção. Sendo assim, é composta por uma estória, que resulta de uma ação vivida por personagens, situados em determinado espaço por determinado tempo. Tais elementos estruturam-se pela linguagem literária, podendo esta ser composta de diversas formas, processos e técnicas narrativas.

Neste processo de adaptação do livro à criança, o design, uma linguagem expressa pela imagem e pela forma, encontrou um campo fértil de intervenção, pois letra e ilustração mostraram ser o “casamento perfeito” nos livros infantis. Foi deste dueto palavra/imagem que passou-se então a compor os livros infantis.

Os livros sem texto

Ou “livro de imagem, álbum de figuras, álbum ilustrado, história muda, história sem palavras, livro de estampas, livro de figuras, livro mudo, texto visual” ... (CAMARGO, 1998).

O primeiro publicado no Brasil, “Ida e Volta”, de Juarez Machado, foi em 1976, pela Editora Primor. Foi desenhado em 1969 e publicado na Europa em 1975. Um rápido comparar de datas já nos leva a concluir que este tipo de livro teve que vencer algumas barreiras antes de ter o seu valor reconhecido no meio literário. Literário... sem texto?

Segundo Fanny Abramovich: “Ao prescindir do verbo, dão (os autores) toda possibilidade para que a criança o use... oralizando estas histórias, colocando um texto verbal, desenvolvendo algumas das situações apenas sugeridas (personagens que aparecem apenas como figuração, como elemento de perturbação do todo ou para salientar um momento ou uma possibilidade insólita), ampliando um detalhe proposto e daí refazendo o todo, de modo novo e pessoal... Criando uma história a partir duma cena colocada, misturando várias, musicalizando alguma relação, sonorizando uma descoberta feita, inventando enfim as possibilidades mil que narrativas apenas visuais (quando inteligentes e bem feitas) permitem e

estimulam....(...). Estes livros são sobretudo experiências de olhar...De um olhar múltiplo pois se vê com os olhos do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo.” (ABRAMOVICH, 1989)

Esse tipo de livro é de grande importância para a criança, pois a torna co-autora da obra, criadora de um texto verbal e até mesmo de outros textos visuais.

A imagem tem papel fundamental nos livros infantis. Os livros sem texto primam pela exploração deste elemento e tentam potencializar, não somente o poder das imagens, mas também, em muitos deles, da materialidade do livro em si.

Os livros tridimensionais

A materialidade do livro é muitas vezes reforçada por recursos de tridimensionalização das páginas do livro, mediante alguma técnica. Sai-se do formato bidimensional das páginas (altura e largura) e cria-se uma terceira dimensão, um novo plano mediante a interferência no plano original. Dobras, colagens, recortes, dobraduras, janelas e muitas outras técnicas podem trazer efeitos de uma nova dimensão à página convencional.

Apesar da grande divulgação recentemente, algumas técnicas de tridimensionalidade nos livros são bem antigas, sendo encontradas em obras dos séculos XIII e XIV, período onde os livros eram produzidos manualmente. Com a reprodução mecanizada, os recursos de tridimensionalidade praticamente deixaram de ser usados, sendo retomados efetivamente no século XX.

A tridimensionalidade traz para o público infantil informações que envolvem outros sentidos além da visão, ajudando a mensagem a ser entendida e absorvida.

Os pré-livros

Falar de pré-livro é falar da experiência de Bruno Munari, designer italiano de extrema importância dentro da história e do ensino do design. Em seu livro *Das Coisas Nascem Coisas* (MUNARI, 1981), o autor narra seu trabalho dirigido a crianças, primeiramente o desenvolvimento de seu *livro ilegível* e depois, dos pré-livros. Com estes últimos, sua proposta foi verificar a possibilidade de usar o objeto livro como linguagem visual, experimentando as potencialidades comunicacionais, visuais e táteis dos meios de produção de um livro.

“Pouco interesse se tem pelo papel, pela encadernação do livro, pela cor da tinta, por todos aqueles elementos com que se realiza o livro como objeto” (MUNARI, 1981). O pré-livro de Munari vai além do livro simplesmente ilustrado, sem textos. Vai além do uso das imagens, pois a criança habituou-se a ver imagens e textos impressos sobre papéis pouco variados e encadernações convencionais. Extrapola a imagem e aflora a materialidade do objeto livro. É este o ponto que faz do pré-livro uma experiência peculiar.

Os Pré-livros nasceram de uma constatação cultural e social feita por Munari: muitos não tornam-se leitores quando adultos porque tiveram experiências negativas

com a leitura quando crianças, principalmente através de livros didáticos desinteressantes e mal elaborados vistos na escola (fato comum até bem pouco tempo atrás...). Depois do período escolar decidiram: “basta de livros”.

Bruno Munari criou então 12 livros de tamanho igual, com um único texto na capa, o título “Livro”. Cada um destes livros explorou materiais, texturas, encadernações diversas, indo do uso da madeira ao acetato como base para as páginas, passando pelo couro, cortiça, tecidos e inserindo-se outros materiais no seu interior, como lixas, plumas, figuras destacáveis em papéis diferentes, etc. Os protótipos foram submetidos à apreciação de um grupo de crianças e depois editados pela Danese, de Milão. Novas edições foram feitas, sendo a mais recente de 2002 pela editora francesa Corraini.

Assim, a proposta dos pré-livros é resgatar o processo de conhecimento de mundo da criança em objetos que explorem todas as suas fontes de percepção e que se relacionem de alguma forma com livros. Este fator visa introduzir a criança no mundo da leitura, que posteriormente será também verbal. O pré-livro, portanto, cumpre duas tarefas: aumenta a criatividade e o conhecimento sensório da criança e cria nela o gosto pelo objeto livro, visando evitar um futuro desprazer pela leitura.

EXERCÍCIO DIDÁTICO: O PRÉ-LIVRO FEITO POR DESIGNERS

Numa exploração mais concreta dos pré-livros, sua criação e produção tem sido proposta dentro da disciplina Produção Gráfica, ministrada por nós aos alunos do curso de Design Gráfico da Universidade Estadual Paulista, Unesp, campus de Bauru. Tal proposta teve a iniciativa de outro docente, mas quando assumirmos tal disciplina, em 1995, o exercício começou a configurar-se numa fonte de registros e pesquisa mais profunda. Como trabalho final da disciplina, os alunos confeccionam um pré-livro destinado a crianças não alfabetizadas, como uma forma de introdução das mesmas à linguagem material do livro.

A criança é pouco abordada como “usuário” durante o curso de Design. Como criar mensagens e produtos para crianças sem conhecê-las e compreender se tal projeto trouxe a elas algum benefício, ou se atingiu algum objetivo específico? Por esta razão faz-se necessário pesquisar sua forma de perceber e relacionar-se com os objetos e os livros. Assim, abre-se a oportunidade aos futuros designers de pesquisar e conhecer tal usuário. Esta busca de conhecimento é feita através de grupos de trabalho, que exploram temas como psicologia infantil, pedagogia, literatura infantil, produção gráfica de livros, design no livro infantil, entre outros. As pesquisas são apresentadas aos demais colegas, numa soma de conhecimento que visam dar solidez ao processo de criação. Os pré-livros são produzidos individualmente, sendo que cada aluno busca nos conteúdos teóricos levantados caminhos para seu produto final. Nos últimos anos os resultados têm sido levados a pré-escolas para um “teste” com o público alvo, sempre com ótima aceitação.

Ao longo de mais de 10 anos de trabalho dentro da proposta constatou-se:

a. Há prazer por parte dos alunos de design em criar pré-livros, uma vez que as possibilidades de materialização das idéias procuram ir além do suporte papel, com

o qual se trabalha na maioria dos projetos gráficos. A exploração de novos materiais abre um leque de possibilidades, não somente para a produção deste tipo de objeto, mas de outros livros e peças gráficas em geral.

b. O interesse pelo assunto tem levado alunos a darem continuidade ao trabalho, transformando-o em tema de Projetos de Conclusão de Curso, como criação de outros pré-livros, livros sem texto, livros infantis e jogos.

c. A importância em *conhecer mais sobre o mercado editorial de livros*, uma vez que o trabalho do designer neste campo tem sido valorizado nos últimos anos.

d. A importância em *conhecer mais sobre o usuário “criança”*, uma vez que tal público possui necessidades específicas que devem ser respeitadas e supridas, numa visão de design social e consciente. É claro que as crianças constituem um mercado importante para produtos gráficos (livros, revistas, álbuns...) e tridimensionais (jogos, brinquedos...), onde o trabalho de designer é necessário. Porém, incentiva-se o desenvolvimento de projetos responsáveis e não objetos de consumo. Produtos que contribuam para a formação de futuros cidadãos.

CONTINUANDO A PESQUISA

Mediante toda a experiência relatada, constatou-se necessidades diretivas para a pesquisa que pretendemos desenvolver apartir de então: *conhecer mais sobre o mercado editorial de livros e sobre o usuário “criança”*.

Assim prosseguimos na investigação para atingir os seguintes objetivos:

a. *Levantar produtos editoriais*, comerciais ou não, que privilegiem o trabalho do designer como co-autor ou autor do livro. Podemos encontrar livros com as características acima citadas tanto no mercado editorial convencional como alternativo. No campo dos livros alternativos podem-se incluir também projetos estudantis realizados dentro das disciplinas projetuais e de produção gráfica do curso de Design da Unesp, já registrados ao longo dos anos.

b. *Analisar tais produtos* sob os aspectos referentes ao:

- *design*: elementos de criação e produção, como forma, suportes, imagens, tipografia (quando usada), identidade visual.

- “*leitor*” criança: recepção da informação tátil e visual do material por crianças não ou pré-alfabetizadas.

c . *Indicar caminhos* para novas produções de design na área.

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO ADOTADA

Para a investigação proposta, não adotamos uma única metodologia de trabalho, e sim um conjunto de metodologias que tem se mostrado necessário. Explicita-se abaixo os passos para o cumprimento dos objetivos propostos.

a. *Revisão bibliográfica* para atualização dos conceitos em áreas como design, psicologia, pedagogia, literatura infantil, entre outros.

b. *Levantamento de projetos editoriais voltados para o público infantil*. Foi feito um levantamento possível e razoável de livros sem texto, através de visitas a

livrarias em diferentes cidades e países, compras on-line, além da inclusão de projetos inéditos produzidos por estudantes de design.

c. *Análise crítica destes projetos*, usando-se conceitos levantados na revisão bibliográfica e experiências anteriores com produtos de gênero. Para a realização da análise, contemplamos os seguintes aspectos:

- *materiais*: tipo de suportes empregados, tintas, processos de impressão e acabamento utilizados, entre outras particularidades que os livros possam apresentar.

- *estéticos*: linguagens empregadas nas imagens utilizadas (técnicas de desenho, pintura e confecção das imagens aliadas à composição das mesmas, entre outros); diagramação; elementos de identidade visual do livro.

- *conteúdo*: possibilidades de expressão do conjunto, como a geração de textos, narrativos ou não, verbais ou visuais por parte do leitor.

d. *Um grupo de 5 livros é escolhido para ser usado na pesquisa de campo junto ao público infantil.*

e. *Realização da pesquisa de campo*, onde é avaliada a interação entre o leitor e o objeto, considerando-se fatores com idade, sexo, contexto escolar e familiar.

f. *Formulação de conclusões e diretrizes para a criação e produção de projetos editoriais alternativos.*

PESQUISA DE CAMPO

Como parte da proposta metodologia já descrita, destacamos o ítem “e”, onde o contato com o público infantil é colocado como ferramenta de análise dos objetos selecionados. Esta pesquisa de campo é na realidade o ponto alto do trabalho, destacando-se o desenvolvimento de um estudo comparativo entre um grupo de crianças portuguesas, já realizado, e outro de crianças brasileiras, a ser concretizado como próxima etapa. Vale relatar as metodologias desenvolvidas e aplicadas na pesquisa no “campo”.

Delimitação do Campo de Pesquisa

A delimitação do referido campo partiu de uma importante opção metodológica: realizar uma *pesquisa qualitativa*, numa busca de pistas para uma área de estudos em design que vemos apenas começar. Assim, a escolha de pequenos grupos de crianças mostrou-se a opção mais eficiente, uma vez que na pesquisa qualitativa o gesto, as expressões, as palavras ditas, a risada, entre outros elementos “não mensuráveis” tornam-se importantes.

Delineou-se a seguinte perspectiva: comparar primeiramente uma escola pública e uma escola privada dentro de uma cidade urbanizada e desenvolvida. Depois, confrontar as observações com o mesmo enfoque em outra cidade de porte parecido, mas com diferente localização geográfica e cultural. Encontraremos diferenças marcantes na leitura destes livros ou será o livro sem texto uma leitura de possível “universalização”?

A primeira fase da pesquisa de campo realizou-se em Oeiras, concelho da região da Grande Lisboa, Portugal, equivalente a uma cidade brasileira de porte médio. Uma escola pública e uma escola particular foram escolhidas para a pesquisa, por mostrarem interesse no projeto apresentado e possuírem atividades nas áreas da leitura. Salientamos que não se apresentam grandes contrastes entre as escolas da região, podendo-se considerar que a escola pública atinge uma população média economicamente falando e a escola privada atinge uma população mais abastada.

No Brasil, o “campo” será uma escola pública em um bairro de classe média e uma escola privada em um bairro de classe alta, ambos em Bauru, uma cidade de porte médio, com características urbanas e comerciais, localizada no estado de São Paulo, onde se situa o campus da Unesp.

Atividades desenvolvidas no Campo

O contato das crianças com os livros sem texto deu-se em dois momentos.

Primeiro, em grupos pequenos, a que chamamos “atividade 1” e depois em sala de aula , a “atividade 2”.

Para a “**atividade 1**”, uma seleção de crianças foi feita junto aos professores e/ ou coordenadores das escolas. Os pais das crianças escolhidas foram informados sobre o projeto e a eles foi solicitada a devida autorização de participação, bem como o preenchimento de um questionário para um levantamento sócio-econômico, além de dados sobre as atividades diárias da criança e sua relação com livros fora do ambiente escolar.

A formação dos grupos de crianças caracterizou-se da seguinte maneira:

- *4 grupos em cada escola*, com crianças pré-escolares de 3 a 6 anos, divididas por idade. A idade foi usada como elemento seletivo básico, incluindo-se as crianças disponíveis nas escolas contatadas. Preferimos crianças consideradas comuns, sem destaque intelectuais ou aquém dos parâmetros médios de desempenho.

- *5 crianças por grupo*, número equivalente aos livros selecionados.

- *equilíbrio entre o número de meninos e meninas*.

Salientamos que a opção por pequenos grupos ocorreu por tratar-se de uma pesquisa de cunho *qualitativo*: os gestos, palavras e expressões de cada crianças tornam-se importantes.

Delimitou-se também outras estratégias de trabalho a partir um “grupo piloto” experimentado de antemão, formado por 5 crianças entre 3 e 6 anos:

- *filmagem* da atividade como forma de registro.

- *uso de um espaço conhecido* das crianças, em ambiente escolar, para desenvolvimento de atividades.

- *ausência de professores* nas atividades com os grupos pequenos.

- *atividades entre 40 e 60 minutos*, dependendo da turma.

- *organização da atividade* em dois momentos: *observação livre dos livros* e *observação dirigida* pela pesquisadora.

Os livros selecionados para a “atividade 1” foram: *The Red Book*, *O Balãozinho Vermelho*, *Oh!*, *Astronino* e o *Livro Geométrico*, citados por completo na bibliografia. Tais livros apresentam características diferentes, indo de um livro com uma narrativa mais completa e imagens realistas (*The Red Book*) até outro totalmente abstrato e não narrativo (*Livro Geométrico*). Passamos ainda pelas imagens inusitadas do livro *Oh!*, pela simplicidade gráfica e riqueza criadora permitida por *Balãozinho Vermelho* e pelo elemento fantástico presente em *Astronino*.

A “atividade 2” deu-se em sala de aula. As crianças observadas anteriormente em pequenos grupos inseriram-se em suas turmas habituais. Com as professoras, observaram um novo livro sem texto e puderam ouvir e contar histórias com seus colegas. O objetivo de tal atividade foi observar o comportamento das crianças selecionadas para a “atividade 1” em seus grupos, verificando se houve ou não um destaque ou participação maior das mesmas em consequência da atividade anterior.

Antes do desenvolvimento desta atividade em conjunto com o professor, salientamos que o mesmo foi entrevistado e orientado sobre a atividade. Pôde também escolher o livro que usaria, entre 4 opções diferentes, não usadas na “atividade 1”. A entrevista consistiu basicamente em coletar dados sobre as atividades da criança em sala de aula e sua relação com livros no ambiente escolar, bem como levantar a opinião e experiência dos professores sobre os livros infantis com e sem texto.

CONSIDERAÇÕES

Ainda é cedo para falar-se em conclusões, pois a pesquisa encontra-se em andamento. Mas foi possível verificar a excelente aceitação que as crianças portuguesas apresentaram a este tipo de livro, ainda pouco explorado nas escolas e pouco disponível nas livrarias portuguesas, mesmo de grandes cidades como Lisboa e Porto. Os livros foram considerados “diferentes” e “especiais” pelos pequenos, pois não tinham “letras”. Este fator inicialmente espantou alguns, que achavam que com um livro sem texto não era possível “contar histórias”. Porém, diante da contestação de alguns colegas – “mas podemos inventar...” – acabaram por envolver-se na contação de histórias ou na fruição do livro. Além de narrar, as crianças riram, indagaram sobre elementos gráficos, cores, formas e técnicas de representação. Discutiram entre si sobre o que viam e avaliaram a função do livro: “este livro é para brincar”, disseram do livro abstrato. “Este é para rir”, comentaram sobre *Oh!*

Quanto aos professores portugueses contatados, poucos fazem uso de livros desta natureza, apesar de haver um reconhecimento imediato de que os mesmos podem contribuir muito para o desenvolvimento da imaginação e da criatividade das crianças. Apenas um dos livros participantes da seleção era conhecido por 2 dos 6 professores envolvidos na pesquisa. Na maioria percebeu-se a preferência pelo “conhecido”, pelo “concreto”, pelo “narrável”.

Cremos que muitas informações e questões serão levantadas pela observação cuidadosa do material filmado e observado, bem como da comparação a ser feita e da análise dos questionários e entrevistas. Um longo trabalho ainda à frente.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- CARVALHO, Barbara Vasconcelos. *Literatura infantil: estudos*. São Paulo: Editora Lotus, s/d.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil – juvenil*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
_____. *A literatura infantil*, São Paulo: Editora Moderna, 2000
- CUNHA, A M. A. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Editora Ática, 1999
- SCOREL, Ana Luisa. *O efeito multiplicador do design*. São Paulo, Editora Senac, 1999.
- FERREIRA, Sueli. *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. Campinas: Editora Papirus, 2001
- CAMARGO, Luiz. *A ilustração no livro infantil*. Belo Horizonte: Editora Lê, 1995
- HENDEL, Richard. *O design do livro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003
- HOLLIS, Richard. *Design gráfico: uma história concisa*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000
- LIMA, Yone Soares. *A ilustração na produção literária*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1985.
- LINS, Guto. *Livro infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade*. São Paulo: Editora Rosari, 2004
- MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. Lisboa: Edições 70, 1981
_____. *Diseño y comunicación visual*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1977
- PALANGANA, Isilda Campaner. *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky – a relevância do social*. São Paulo, Plexus, 1998.
- RAMIRES, Joan A. *Medios de masas e história del arte*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1981.
- RIBEIRO, M. *Planejamento Visual Gráfico*. 7^a Edição Atualizada. Brasília: Linha Gráfica e Editora, 2003
- YOKOYAMA, Tadashi. *The best of 3D books*. Japão: Rikoyo-sha Publishing, 1989.

Livros sem texto utilizados

- GOFFIN, Josse. *Oh!* São Paulo: Editora Martins Fontes, 2^a. Edição, 1995.
- LEHMAN, Barbara. *The Red Book*. Boston: Houghton Mifflin Company, 2004.
- MARI, Iela. *O Balãozinho Vermelho*. Lisboa: Editora Kalandraka, 2006.
- OLIVEIRA, Cristiane; Paula, Flávio B. *Astrônino*. Bauru: projeto para a disciplina “Produção Gráfica II”, do curso de Desenho Industrial - Programação Visual da Unesp, 2004.
- RAYMUNDO, Delfino da Silva. *Livro Geométrico*. Bauru: projeto para a disciplina “Produção Gráfica II”, do curso de Desenho Industrial - Programação Visual da Unesp, 2000.